

O DESAFIO DE COMPREENDER E DE SER COMPREENDIDO NOS CURSOS ONLINE

Abril 2007

Consuelo Fernandez- SENAI/SP - consufer@uol.com.br

Ivete Palange -SENAI/SP - ipalange@uol.com.br

Categoria: Métodos e Tecnologias

Setor educacional: Educação Continuada em Geral

Natureza do trabalho: Modelo de planejamento

Classe: Experiência Inovadora

RESUMO

A comunicação e a educação são caminhos que se cruzam. O pressuposto que desenvolve nossa ação no planejamento, produção e acompanhamento de cursos online é a condição de uma relação dialógica. Conseguir dialogar nos cursos de educação a distância online em tempos e espaços diferentes, com recursos que trazem os limites das respectivas linguagens nos coloca o desafio da construção dos vínculos e da relação com o sujeito da aprendizagem. Se hoje o desafio é grande a mudança anunciada é ainda maior, mas a busca de compreender e ser compreendido é uma constante.

Palavras-chave: cursos online, linguagem dos meios, estrutura de comunicação, relação dialógica.

Introdução

Refletir sobre como manter contato com quem está longe é algo recorrente em Educação a distância (EAD), afinal, nessa modalidade educacional, educadores e educandos não ocupam o mesmo espaço físico, e necessitam de recursos de comunicação mediada para permitir a concretização do processo educativo.

Para nós educadores, educar depende diretamente da comunicação. A educação nada mais é que um processo comunicacional que pressupõe que alunos e professores estabelecem entre si uma relação educativa dialógica e plural (Porto, 2006).

Nesse sentido, partimos da idéia de que a comunicação é um processo de diálogo entre eu e o outro. Eu falo e o outro atribui sentido ao que ouve e, quando ele fala, é interpretado mim. A interpretação de cada um de nós irá depender da nossa experiência individual e cultural.

Se é possível obter múltiplos sentidos ou interpretações de uma situação para diferentes interlocutores, como o diálogo é possível? Conhecer com quem se está falando, ter informações sobre sua realidade e cultura, sem dúvida, facilita o processo de comunicação. Para que o diálogo exista é preciso sair das próprias referências e compreender o universo do outro, encontrar referenciais comuns.

Qualquer diálogo exige selecionar o que falar para atender a aspectos tais como o tempo disponível, o conteúdo mais importante para o momento, e o que se pretende na situação. Quanto mais se conhece a pessoa com quem se conversa, mais fácil se torna fazer os recortes sobre o que dizer. Quanto menor for esse conhecimento, maior será o esforço para encontrar o que é mais importante para ser compreendido. Em outras palavras, um diálogo é agradável e comunicativo quanto mais se compreende o que o outro diz e quanto mais se é compreendido.

Em suma, se o diálogo é uma preocupação no universo educacional, urge conhecer o outro, seu universo e sua cultura para que se efetive a interação, considerando, em especial, o que diz Paulo Freire (1979):

“Ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular; é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da própria forma de ser da existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em ‘seres para o outro’ por homens que são falsos ‘seres para si’. É que o diálogo não pode travar-se numa relação antagônica”.

Ao preparar um curso, o educador organiza a estrutura pedagógica a partir de sua visão de educação. Assim, se o diálogo é seu foco, é necessário construir a possibilidade de que o outro ‘fale’ e de que seja ‘ouvido’, ou seja, de

que se expresse nas situações educacionais nas quais se encontra e que receba 'resposta' ao que expressou, mesmo que haja uma distância que os separe.

O diálogo é possível na Educação a Distância?

Desenvolver educação a distância com a mediação de recursos de comunicação, é manter o mesmo foco da situação presencial: o sujeito da aprendizagem. Esse pressuposto norteou o trabalho de nossa instituição nos últimos anos na produção dos cursos e no sistema de acompanhamento aos alunos dos cursos a distância que deu origem à sua metodologia de EAD, a AECO (Apoio Educacional Colaborativo).

Essa metodologia, aplicada nos projetos de EAD elaborados pela instituição, está estruturada em vários eixos entre os quais ressalta o estabelecimento de um processo de comunicação que privilegia o **diálogo**. Nesse sentido, busca-se, em todos os cursos online oferecidos pela nossa instituição, encontrar formas ou canais para que o sujeito da ação educativa possa expressar sua 'voz'. Para tanto, os cursos incluem uma multiplicidade de recursos de comunicação que permitem e promovem a interação constante entre todos os atores neles envolvidos: alunos, tutores, mediadores pedagógicos e coordenação.

Quando pensamos no desenvolvimento de um curso a distância em que o diálogo é considerado um elemento fundamental, a questão que surge é: como considerar a possibilidade de interação entre interlocutores que não compartilharão nem o mesmo tempo, nem o mesmo espaço? Tendo essa questão em vista, para efetivar esse tipo de diálogo, foi necessário aprofundar e ampliar o 'olhar' sobre a questão da comunicação mediada.

A mediação da comunicação educativa nos cursos online se desenvolve por meio de diferentes recursos pedagógicos e exige um estudo constante das diversas linguagens dos meios e das suas características para criar a possibilidade e as condições de concretização do diálogo.

Vamos imaginar inicialmente a comunicação face a face em que o diálogo se desenvolve com outras informações além da fala - gestos, expressões, entonação, etc. - e compõe um discurso em que a emoção é transmitida e sentida de modo direto e dinâmico.

Agora, vamos imaginar a comunicação com o uso de um recurso de comunicação para mediar um diálogo: as informações tornam-se mais restritas e aprisionadas nas características do recurso. Por exemplo, se a decisão for usar um texto temos que levar em conta a sua linearidade que é difícil de romper e uma incompletude que nem sempre é fácil de ser percebida. Qualquer texto representa sempre um ponto de vista, o que implica, inevitavelmente, a existência de lacunas. Ao escrevê-lo, o autor, faz um recorte do tema abordado para comunicar sua idéia e sempre é o leitor quem atribui sentido ao seu texto, completando as lacunas com as informações que já possui. Assim, na comunicação entendida como diálogo, o leitor estabelece relações com outras leituras que já fez sobre o assunto tratado, o que significa

que quanto mais o leitor conhece sobre o que autor escreveu, maior a probabilidade de se efetivar o diálogo entre eles.

Além do recurso de comunicação, o desenvolvimento da tecnologia também influi no diálogo. A tecnologia influi na percepção humana, pois ela altera o modo de pensar, de agir e de sentir e modifica as formas de comunicação e de aquisição de conhecimentos (Kenski, 2006). A escrita, por exemplo, sucedeu à oralidade e trouxe a possibilidade de registrar e fazer circular informações para um número maior de pessoas. Nela, o registro era feito inicialmente em argila e permitiu, em relação à oralidade, a ampliação do acesso às mensagens transmitidas. Mais tarde, com a utilização dos papiros, esse acesso se ampliou ainda mais. Depois, com a invenção do papel, a escrita tornou-se mais simples - nos papiros era desenhada - e mais portátil, o que permitiu produzir e expandir a distribuição das informações muito mais rapidamente. Depois, com a invenção da imprensa e até dos óculos, ampliou-se, também, o acesso aos textos e às informações para um número ainda maior de pessoas. Em outras palavras, ao longo de algumas centenas de anos, o acesso à informação foi-se modificando sob a direção das invenções e criações humanas.

Analisando, agora, a influência da tecnologia na vida das pessoas, podemos imaginar que na época dos papiros, a leitura dos registros exigia concentração e poucos tinham acesso a ela, quer seja para consumir como para produzir informações. O papel e, posteriormente, a imprensa, tornaram universal o registro e o acesso aos textos. A percepção das pessoas foi alterada com a possibilidade de ter acesso à leitura dos registros dos textos produzidos por diferentes autores e de registrar as próprias idéias. Com o desenvolvimento tecnológico, a escrita antes restrita aos mosteiros passou a circular amplamente e as pessoas que passaram a ter nova fonte de registro e acesso às informações.

Além disso, a produção de textos com variadas funções culturais provocou o desenvolvimento de diferentes estratégias de leitura. Percebe-se facilmente que há diferenças significativas nas estratégias que usamos para realizar a leitura de um romance, de uma enciclopédia, da embalagem de um produto, de um anúncio de produto ou de uma revista. A escrita, no mundo urbano, é fundamental para a vida dos cidadãos; ela é inerente à organização das cidades. A locomoção em ônibus e metrô exige leitura das informações, assim como a identificação de ruas, construções e logradouros. Ser analfabeto numa cidade grande dificulta, muito, a vida das pessoas.

O aparecimento do computador transformou ainda mais as estratégias de leitura. Se, na Idade Média era necessário, literalmente, debruçar-se sobre o texto, ter grande concentração para realizar a leitura de letras desenhadas em grandes papiros ou pergaminhos, hoje, a leitura pode ser feita na tela de um computador, o que exige uma estratégia que envolve um olhar direto, horizontalmente à tela. A dispersão da atenção está presente durante a leitura, pois, por exemplo, ao mesmo tempo em que se lê um texto, recebe-se uma informação vinda por um email, fala-se ao telefone e atende-se alguém que está próximo, sem deixar de observar o que está acontecendo em volta.

Além da palavra escrita, outro recurso para o estabelecimento de diálogo com o sujeito da aprendizagem, num curso a distância, é a imagem. Diante disso, nos perguntamos: como a imagem mobiliza o diálogo? Partimos da idéia de que, assim como na leitura, é o leitor que atribui sentido ao texto, na leitura da imagem é a intenção do olhar que fornece um sentido a ela.

A leitura de um texto depende de concentração, pois as palavras são bem diferentes das coisas que elas representam. A leitura de uma palavra estimula nossa memória para recordar as experiências que tivemos com os objetos representados por ela. Por exemplo, ao ler a palavra “árvore”, passam na nossa mente, em fração de segundos, centenas de árvores que conhecemos até chegar à que registramos como sendo a que faz sentido naquele texto. O texto é crítico, coloca o leitor em alerta, desperta, exige atenção. Podemos dizer, de forma metafórica, que diante de um texto nos mantemos em pé.

A imagem, diferente do texto, é narcísica, traz a simultaneidade, leva ao relaxamento. Ela nos confunde, nos faz acreditar que estamos em contato com a realidade. A imagem é, também, uma representação da realidade. O que vemos é o recorte da realidade selecionado e registrado por um outro olhar que não o nosso. Diante da imagem relaxamos nossos sentidos, pois acreditamos que estamos em contato com o real. A produção da imagem trouxe mudanças nos referenciais de tempo e espaço, pois entramos em contato com um registro realizado em outro momento e lugar.

Da mesma maneira que a tecnologia alterou a nossa relação com o registro da escrita, também alterou a nossa relação com o tempo. O tempo é uma construção humana criada a partir da urbanização, da comercialização e da mecanização para atender à necessidade de sincronizar o crescente número de atividades encadeadas umas às outras. A necessidade de sincronização aliada ao aumento da dependência dos homens na construção das relações sociais exigiu o estabelecimento de um denominador comum regulador dessas relações, que passou a ser chamado de tempo (Martins, 2000).

O tempo vai se modificando com a criação das novas referências humanas. No tempo biológico, o homem responde às necessidades determinadas pelo seu corpo, a fome indica o tempo de comer, por exemplo. O tempo ditado pela natureza é o tempo de espera dos ciclos, do dia e noite, das estações do ano. O tempo físico vem acompanhado da invenção do relógio, que entre outras coisas, faz a divisão entre trabalho e lazer. A invenção do computador é responsável pelo tempo virtual.

A velocidade do tempo é alterada de acordo com as circunstâncias. Se estivermos diante de uma foto ou de uma pintura, o tempo é mais lento, pois não há limite determinado para observar as imagens; o tempo é o de análise e de interpretação, de deleite, de fruição. O cinema introduz as imagens em movimento e define um tempo para contar uma história, o tempo da projeção. Esse tempo, que nos primeiros filmes era bem menor, foi-se ampliando em

consequência da evolução da sua linguagem e dos recursos tecnológicos utilizados.

Com a TV, a imagem deixa de existir fisicamente, torna-se um sinal, que entra nas casas e faz tudo parecer muito próximo. Não há mais diferença entre símbolo e imagem e muitos acreditam que o que “passa” na TV é o que realmente aconteceu. A visão estética da imagem torna-se econômica. A estética nos leva à observação da imagem para fruição e a econômica traz a idéia de que, se já vimos uma imagem, não devemos perder tempo revendo-a ou analisando-a para identificar novas possibilidades de leitura. A substituição da visão estética pela econômica torna tudo efêmero, passageiro, pois a imagem, quando confundida com a realidade, nos leva a acreditar que estamos vivendo algo que não irá se repetir; rever essa imagem é ter a sensação de algo já vivido. Para o espectador interessa saber se a imagem já foi vista ou não e o ato de observar, de fruir não importa mais.

O controle remoto na operação da TV, que possibilita a prática do ‘zap’¹, torna as imagens frenéticas no mundo todo. A linguagem de “videoclipes” passa a dominar as apresentações na TV.

Com o aparecimento do computador há uma ruptura da imagem, que passa a ter uma representação matemática: o sistema binário se impõe. Com a Internet, o usuário do computador deixa de ser espectador e torna-se editor das informações, organiza as que lhe interessa e ao modificá-las torna-se um produtor.

Hoje, estamos observando uma nova revolução na produção de informações: todos querem se expressar, ser ouvidos e ser vistos. O YouTube² tornou-se um sucesso com infinitas produções de vídeos, levando milhares de pessoas a acessarem-no. Um site³ como o Second Life, que permite uma produção de um mundo totalmente virtual, possui ferramentas disponíveis para os interessados; milhões de pessoas o estão acessando, construindo e ampliando.

Em tempos de Internet, cada pessoa torna-se produtora de sites, weblogs, videologs, etc. As pessoas que nela navegam são influenciadas pelos meios de comunicação de grande massa, mas também, como produtoras, passam a influenciá-los.

Quando pensamos em cursos a distância, e em particular, em cursos online, ao definirmos os recursos de comunicação é consideramos a importância de analisar como as mudanças tecnológicas modificaram a percepção das pessoas na relação com o espaço, o tempo e a leitura de texto e de imagem e em como tudo isso interfere no estabelecimento do diálogo entre os alunos e os educadores.

Conversa na telinha

No planejamento de cursos online, o diálogo é o foco na sua produção e no acompanhamento dos alunos. A interação e a interatividade orientam a

seleção das animações, das simulações, dos trechos em vídeo, dos textos de diferentes naturezas, etc. Nesse mundo virtual, o uso de todos os recursos parece possível.

Selecionar textos, animações e vídeos para os cursos online leva à reflexão de aspectos focados no sujeito da aprendizagem. O aluno desenvolve diferentes estratégias para a leitura da multiplicidade de estímulos que podem ser oferecidos, como, por exemplo, entre a leitura de um texto impresso e um texto na tela, entre ver trechos de vídeos no computador e assistir um programa inteiro, entre viver a experiência de sujeito a interagir com animações e simuladores e a imaginar como ocorreria tal interação, etc.

Nosso pressuposto na produção de um curso online é o de que ela deve ser dirigida pelas condições de ensino que facilitem o diálogo. É importante conhecer o contexto em que vive o sujeito, a situação profissional em que ele irá atuar e imaginar situações de desafio que irá encontrar na realização das atividades, pois esse conhecimento facilita as tomadas de decisões exigidas pelo planejamento e implementação de um curso online. Nossa busca é a de encontrar o melhor caminho para vencer a linearidade e conseguir um sentido na apresentação das informações. O planejamento de um curso online é um verdadeiro quebra-cabeças que, como no encaixe de peças, num jogo de montar objetos, é preciso completar cada parte e o todo não pode ser perdido de vista.

No desenvolvimento de nossos cursos online procuramos criar virtualmente ambientes que lembrem o contexto de trabalho de um profissional cuja competência será exercida e em que as situações-problema, casos relacionados, simulações, etc. exigem que o aluno se mantenha envolvido, que interaja de modo cooperativo e que estabeleça um constante diálogo com todos seus colegas de cursos e com os educadores envolvidos.

A interatividade é pensada para cada uma das situações do curso e o uso de metáforas participa da criação do ambiente virtual. Assim é que, no curso de Formação de Tutores e Mediadores⁴, por exemplo, o contexto ou metáfora é um teatro onde os alunos vivenciam papéis de mediadores e tutores; no curso de Emissões Atmosféricas, o ambiente é uma cidade fictícia – chamada Aragem - que apresenta todos os problemas ligados à poluição do ar. Nela, o aluno se insere para ajudar a solucionar os problemas por ela vividos. Já no curso de Redes e Sistemas Supervisórios, o ambiente é uma sala de controle que remete à existência de uma rede industrial de comunicação informatizada e à necessidade de programar os Controladores Lógicos Programáveis nela inseridos e de realizar sua supervisão. Pode-se dizer que cada situação refere-se a um contexto específico e diz respeito à interatividade do sujeito no ambiente.

Outro aspecto que é objeto de grande cuidado de nossa parte é o que diz respeito à interação do sujeito nos cursos. A possibilidade de interagir com seus colegas, com o tutor e com o mediador pedagógico é indispensável se o diálogo é o foco. A escolha da ferramenta de gestão para nossos cursos, a

chamadas LMS, contemplou essa possibilidade e recaiu sobre uma ferramenta que pode ser personalizada de modo a atender à nossa proposta pedagógica.

Com a personalização da ferramenta, passamos a contar em nossos cursos com um Intercomunicador, que permite a troca de mensagens instantâneas entre duas pessoas que estão conectadas no sistema, para realização de conversas online. A ferramenta dispõe também de salas de Chat para diferentes usos: aquela de livre acesso a qualquer aluno em qualquer horário; outra, uma sala para chats temáticos, marcados pelo professor, com acesso livre a todos os alunos por um determinado período e que, ao terminar, deixa acessível o registro de tudo o que foi discutido; e aquelas que podem ser reservadas pelos próprios alunos ou pelos educadores a pedido deles, para realização de trabalhos em pequenos grupos de alunos. A este espaço, somente os alunos e os educadores, que receberam senha, podem acessar.

Além dos ambientes de Chat e do Intercomunicador, a ferramenta dispõe, também por ter sido adequada à nossa proposta pedagógica, de um ambiente especial para a realização assíncrona de trabalhos em pequenos grupos. Cada grupo, composto por no máximo 4 alunos, tem um ambiente específico, usado ao longo de aproximadamente uma semana, para resolver um problema em que os seus componentes aplicam tudo o que aprenderam numa determinada unidade de estudo. No processo de resolução do problema, cada componente vai deixando comentários, sugestões de solução, mensagens argumentativas concordantes ou discordantes ou textos de caráter científico, bem como “pendurando” vídeos e animações ou qualquer outra forma que contribua para a elaboração do relatório do grupo, com registro da solução encontrada e do caminho percorrido para chegar a ela.

Tendo em vista garantir um diálogo efetivo e um atendimento mais cuidadoso das necessidades dos alunos em seu processo de aprendizagem, nossa proposta é a de trabalhar com turmas pequenas. Essa opção tem sustentação na confirmação da hipótese de que quanto melhor o aluno for atendido e orientado menor será a possibilidade de evasão. Em nossa instituição, entendemos por turmas pequenas aquelas constituídas por no máximo 40 alunos, cujo atendimento e acompanhamento é feito por um tutor e por um mediador pedagógico que garantem o diálogo com cada participante durante todo o curso.

A contribuição tecnológica do computador, da Internet e da ferramenta LMS favorece a concretização do diálogo com a participação do aluno. O acompanhamento nos cursos online por meio das ferramentas LMS favorece a formação de vínculos e uma maior proximidade com os alunos. Esses fatores permitem ao tutor responder dúvidas prontamente, realizar orientações e com isso superar a existência de lacunas que os recursos pedagógicos possam apresentar. Além disso, a interação do aluno com colegas da turma, que podem ou não ter os mesmos interesses, que tenham outras experiências, que vivem geograficamente separados, favorece a criação de novos vínculos e a formação de uma comunidade virtual que contribui significativamente para a construção de conhecimento.

Assim, podemos dizer que estamos, nos cursos a distância, construindo um diálogo diferente, num novo conceito de interlocutores, de espaço e de tempo. Nele, os alunos podem assumir diferentes “eus”: “eu” colega, “eu” profissional, “eu” aluno, pois se encontram ‘presentes’ num espaço em que a geografia não impede a convivência e num tempo que supera fusos horários e os limites de disponibilidade de acesso.

Acreditamos que o importante, em nosso projeto, é nunca perder o olhar estético, que convida à fruição. Sabemos da importância em considerar os múltiplos pontos de vista, em testar e incorporar mudanças tecnológicas em cada curso e observar os resultados. Se estivermos sempre preocupados em ouvir a voz dos alunos, acolheremos suas sugestões que nos ajudam, em cada momento, a recriar e a mudar rumos e direções. Como sempre, ao ensinar aprendemos e aprendemos muito.

É preciso analisar possibilidades de mudanças tecnológicas e os recursos de ensino a cada novo curso, sem resistências, mas também sem deslumbramento, avaliando a efetividade dos resultados. É um caminho que seguimos devagar, pois quem tem pressa, às vezes, precisa entender que o melhor é caminhar mais devagar.

O que reserva o futuro para os novos projetos de EAD?

Os cursos online, quem sabe, irão se tornar, em breve, obras abertas para serem completadas e também ampliadas pelos usuários, concretizando um diálogo mais efetivo.

Quem sabe se, como Helio Oiticica (1937-1980) que criou os parangolés⁵, iremos criar “parangolés virtuais”, cursos que cada um “veste”, transforma e dá sentido dentro do seu contexto de vida. Em outras palavras, os cursos não existirão sem a participação de usuários na sua própria organização e seleção de aspectos que possam lhes interessar ou de inclusão de recursos que mais lhes aprofundarem.

E com a chegada da TV digital quem sabe teremos a possibilidade de incluir todos os meios trazendo para a EAD maior facilidade na interação. Não haverá mais a questão da falta de acesso e de domínio do computador como limite? A interação via TV será acessível a todos? A imagem em movimento, o som (que anda tão esquecido nos cursos), o texto, a foto, a interação e a modificação... tudo junto, em que o eixo, em vez de informações escritas, seja o da imagem em movimento?

O Orkut, os weblogs⁶, videologs⁷, etc. são também laboratórios com milhares de soluções possíveis, algumas sem sentido, mas outras muito interessantes. Os usuários desses recursos, muito criativos, têm influenciado nas produções culturais e na educação, conseqüentemente. Quem sabe, chegaremos até a um mundo virtual como o que oferece o software Second Life⁸; um site em que lá estão as ferramentas e em que cada um constrói seu próprio mundo e seus personagens. Quem sabe consigamos comprar um

espaço virtual e construir um ambiente educativo tridimensional em que os interessados ‘dialoguem’ com tudo e com todos em uma forma de aprendizagem absolutamente criativa e inovadora?

Como não temos uma “bola de cristal” para decifrar esse futuro desconhecido, fica aqui uma intuição presente: num chip implantado no corpo ou num suporte qualquer, a convergência das várias linguagens estará presente. E o sentido será sempre o de busca de obter um diálogo, de compreender e ser compreendido.

¹ Termos que vem de “zapear”, usado para significar o ato de mudar constantemente o canal na televisão, geralmente através de um controle remoto.

² Site na Internet que permite que seus usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital.

³ Espaço, na Internet, identificado por um *nome de domínio*, constituído por uma ou mais páginas de hipertexto, que podem conter textos, gráficos e informações em multimídia.

⁴ Curso online cuja demonstração encontra-se no site www.ead.senaisp.edu.br

⁵ Capas que adquirem sentido apenas com o uso e a participação dos observadores, pois suas cores, tons, formas e texturas, bem como os materiais com que foi produzido (tecido, papel, borracha, tinta, palha, vidro, etc.), a partir dos movimentos de alguém que o vista. Por isso, são considerados como esculturas móveis.

⁶ Segundo registro no site www.wikipedia.org, um **weblog** ou **blog** é uma página da Web cujas atualizações (chamadas *posts*) são organizadas cronologicamente (como um histórico ou diário). Estes *posts* podem ou não pertencer ao mesmo gênero de escrita, se referir ao mesmo assunto ou à mesma pessoa.

⁷ Segundo registro no site www.wikipedia.org, um videolog (ou videoblog) é uma variante de weblogs que cujo conteúdo principal consiste de vídeos.

⁸ Consultar o site www.seconlife.com

Referências

- FERNANDEZ, Consuelo e PALANGE, Ivete. **Longe dos olhos e a luta para ficar perto do coração**. 2006. (mimeo).
- FIORENTINI, Leda Maria Rangearo e MORAES, Raquel de Almeida (orgs.). **Linguagem e interatividade na educação a distância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Extensão e Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JONASSEN, D. et al (1995). **Constructivism and computer-mediated communication in distance education**. American Journal of Distance Education, 9 (2), 7-26.
- KENSKI, Vani Moreira. (3ª ed). **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. São Paulo: Papyrus, 2006, pag. 21.
- MARTINS, Mônica Mastrantonio. **A questão do tempo para Norbert Elias: Reflexões atuais sobre tempo, subjetividade e interdisciplinaridade**. In: Revista de Psicologia Social e Institucional. Volume 2, nº 1, junho/2000.
- PORTO, Tania Maria Esperon. **As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas**. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n.31, jan/fev 2006.

Nome do arquivo: 4192007102119AM.doc
Pasta: C:\ABED\Trabalhos_13CIED
Modelo: C:\Documents and Settings\Marcelo\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot
Título: Educação, comunicação e negociação de sentido nos cursos a distância
Assunto:
Autor: SN70228
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 18/4/2007 18:13:00
Número de alterações:3
Última gravação: 19/4/2007 09:55:00
Salvo por: SN09805
Tempo total de edição: 3 Minutos
Última impressão: 24/8/2007 18:12:00
Como a última impressão
Número de páginas: 10
Número de palavras: 3.941 (aprox.)
Número de caracteres: 21.282 (aprox.)